

EDITORIAL

CIRCUNCISÃO FEMININA

Custa a crer que, ainda nos dias de hoje, em determinados países, se pratique a circuncisão feminina, um quadro sombrio e melancólico da existência humana.

Infelizmente, centenas de eventos provam que o Homem tende, como diria Heidegger, a fugir de si mesmo, mergulhando da altura da solidão aos baixos terrenos públicos dos muitos, isto é, na despersonalização. A circuncisão feminina representa mais um triste episódio do machismo laico com que os séculos de dominação muçulmana impregnaram vários povos, com distorções até nos próprios costumes religiosos. Ao longo de nossa civilização, já o disse Tristão de Athayde, o sexo feminino foi sempre marginalizado. Em sentença memorável, o famoso geógrafo e historiador cearense Capistrano de Abreu, resumiu o triângulo clássico de nossa família colonial: marido tirano, mulher submissa e filhos assustados.

Urge um movimento, em escala mundial, capaz de eliminar da face da terra este crime contra a mulher indefesa. Em certos territórios da África, na parte sul da Península Árabe, na Malásia e Indonésia, ainda se pratica este verdadeiro vandalismo, segundo informa Maher Mahran, professor do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Universidade Ain Shams (Cairo, Egito). Não se pode avaliar, em toda sua extensão, a magnitude do problema. No Egito, onde se pensou que esta grave e triste ocorrência havia desaparecido, verificou-se recentemente que 95% das mulheres, de um grupo de 2.000 e que estavam na idade de conceber, ao serem examinadas em uma clínica ginecológica, por motivos diversos, estavam circuncisadas.

Segundo sua formação religiosa, cultural e de tradições, cada país adota uma técnica especial para a circuncisão feminina, consistindo na eliminação, sem anestesia, dos órgãos genitais, em menor ou maior extensão, chegando-se até a chamada "circuncisão faraônica". São os chefes de tribo que, em pobres criaturas de 5 a 10 anos, com instrumentos toscos e primitivos praticam este tipo de operação, causando-lhes terríveis traumas psíquicos, com eventual choque, sangramento e quadros infecciosos diversos. Em certos povoados de Kenia, a operação constitui-se em verdadeira cerimônia. Despojadas de sua feminilidade, criam-se sérios problemas psico-sociais, com transtornos na unidade familiar. Os maridos das mulheres circuncisadas passam, então, a fumar mais "marihuana".

Em populações primitivas, lamentavelmente, esta operação ainda vem sendo praticada e as razões dadas para a prática da mesma incluem interpretações reli-

gias, tradições tribais, superstições e conceito de castidade. É preciso despertar a atenção da Organização Mundial da Saúde para este grave problema. Infelizmente, o homem passa a ser o único animal a agir contra si próprio. Para provar a sua fé religiosa, ou com outros fins, é de se pasmar todo esse absurdo. Conforme assinala Vasconne, não existe pior mácula à face humana do que a aplicação de uma tortura, qualquer que ela seja, sobre uma criatura indefesa, sob que pretexto for. Sacrifícios humanos não devem mais existir sobre a face da terra. Não podemos mais assistir o fanatismo e a selvageria adquirirem foros de civilização.

Prof. Carlos da Silva Lacaz

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MAHRAN, M. Peligros para la salud de la circuncisión femenina. *Bol. med. IPPE*, Londres, 15 (2): 1-2, abr. 1981.
2. VERZIN, J. A. Sequelae of female circumcision. *Trop. Doctor*, London, 5: 163-9, 1975.